

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE CIÊNCIAS

TOMO XLV

Anatomia artística na Fenícia e em
Cartago I
Fenícia

J. A. ESPERANÇA PINA



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2018

Anatomia artística na Fenícia e em Cartago I

Fenícia

J. A. ESPERANÇA PINA¹

A Fenícia, correspondente ao actual Líbano, representava um papel de excepcional importância, devido à sua situação geográfica em relação aos territórios ocupados pelo Egipto, Assíria, Babilónia, Hatti (Hititas) e Pérsia. Os fenícios eram impotentes perante estes potentes povos orientais, tão fortes, tendo muitas vezes sido incorporados, sob o ponto de vista político, ao ritmo dos dominadores do momento, mas por vezes mantiveram a independência cultural.

Os fenícios inventaram a escrita alfabética, na qual se utilizavam pouco sinais tornando a escrita mais simples que a cuneiforme. A escrita alfabética expandiu-se por todo o Mediterrâneo, sendo também adoptada pelos gregos e romanos.

1. GEOGRAFIA DA FENÍCIA

O território habitado pelos fenícios era uma pequena faixa de terra bem limitada: ao norte, pelo golfo Issus situado próximo do rio Eleutero (actualmente rio Nahr-el-Kebir); ao sul, pelo monte Carmelo; a oeste, pelo Mar Mediterrâneo; a este, pelas montanhas da cordilheira do Líbano, que separam da Síria. Estas cordilheiras, sempre cobertas de neve, formam muralha de difícil acesso, com altitudes que podem alcançar 3.000 metros, desdobrando-se a escassos quilómetros da costa e aí terminam abruptamente dividindo a pequena Fenícia em porções isoladas, tornando-se a via marítima quase o único meio de comunicação do território. Esta configuração é a razão pela qual a Fenícia nunca constituiu um verdadeiro reino mas um conjunto de pequenos estados que se revezavam na supremacia.

A Fenícia era atravessada pelos rios Nahr Liani e Orontes, que transbordavam na estação das chuvas e permaneciam quase secos no calor do verão.

As cidades eram edificadas nos cabos, de preferência os situados próximo de ilhas, pois esta situação permitia em caso de guerra, um abrigo com segurança para a população e um porto para as embarcações.

2. VIDA ECONÓMICA DA FENÍCIA

A Fenícia era constituída por florestas impenetráveis com carvalhos, noqueiras, pinheiros, ciprestes e sobretudo o cedro, a árvore emblema do Líbano.

¹ Membro Efectivo da Academia das Ciências de Lisboa. Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Ciências Médicas da U.N.L. Professor Catedrático da Faculdade de Direito de Lisboa da U.C.P. Ex-Reitor da Universidade Nova de Lisboa.

Os *cedros* constituíam a principal riqueza e a maior fonte de exportação, emitindo, um cheiro característico pressentido de muito longe, facto este pelo qual a Fenícia era conhecida por montanha dos perfumes. É uma árvore conífera, com folhagem perene, com a copa rasa com andares distintos. As folhas em forma de agulhas espaçadas nos ramos maiores, e em grupos de 15 a 45 nos ramos menores.

O mais importante artigo produzido era o tecido púrpura, tingido com o líquido branco excretado pelas glândulas dos moluscos *murex*. Os tecidos eram banhados neste líquido e postos a secar ao sol que revelava a tintura púrpura brilhante. Estes tecidos eram utilizados nas vestimentas dos nobres, e as cores variavam do rosa ao violeta, dependendo do tempo em que o tecido ficava ao sol e da quantidade do líquido utilizado.

3. NAVEGAÇÃO E COMÉRCIO

A situação geográfica da fenícia impôs aos seus habitantes a navegação, para a realização do comércio nas cidades fenícias.

Os primeiros barcos fenícios eram utilizados no comércio entre as cidades-estados da Fenícia. Eram embarcações pequenas, com a popa arredondada, com o comprimento de 20 a 30 metros, a largura de 6 a 10 metros e a proa curvilínea terminava com uma figura zoomorfa, normalmente representando um cavalo.

Os barcos comerciais para diversas cidades do Mediterrâneo, apresentavam velas quadradas situadas no centro, propulsando o barco com os ventos de popa. O barco era dirigido por um timoneiro com um grande leme, com uma tripulação com cerca de trinta marinheiros.

As viagens tornaram-se cada vez mais longas, obrigando à protecção dos marinheiros, dando origem à construção de barcos de guerra mais longos, estreitos e rápidos, com dois pisos, o inferior para os remadores e o superior para os guerreiros protegidos com escudos, a proa com esporão de bronze, para cravar no costado do navio inimigo, e retirá-lo rapidamente para que a água penetrasse pela abertura feita.

4. CIDADES-ESTADO DA FENÍCIA

A partir de 3.000 a.C., na Idade do Bronze Antigo (2.900 a 2.300 a.C.), iniciaram-se centros urbanos, sendo os mais importantes de norte a sul, Ugarit, Biblos, Sidon, e Tiro.

Ugarit

Em 2.000 a.C., Ugarit estava em plena prosperidade, através da influência da XII dinastia egípcia, demonstrado pelos monumentos egípcios encontrados. Na época da invasão dos hicsos, os hurritas instalaram-se na cidade-estado, no norte do litoral fenício, onde também se fazia sentir a civilização egeia. Um terramoto reduziu Ugarit a cinzas e renasceu sob o controle dos hititas, tendo lutado a seu lado contra os egípcios na batalha de Kadessh. Seguiu-se depois a influência micénica e cipriota. A invasão dos Povos do Mar veio por fim ao poderio de Ugarit.

Biblos

As fontes egípcias mencionam o comércio da madeira de cedro das montanhas do Líbano. Desde 3.000 a.C., a cidade-estado manteve relações com o Egípto, e os príncipes de Biblos tornaram-se vassallos dos faraós da XII dinastia, sendo neste período a introdução do embalsamamento na Fenícia. Sob o Império Novo Egípcio, após a invasão dos hicsos recomeçaram as relações. Após a invasão dos Povos do Mar, a milenar amizade entre ambos os povos cai em decadência acompanhando a queda do império faraônico.

Sidon

Fundada em 3.000 a.C. Sidon foi destruída na época da invasão dos hicsos. Sob o Império Novo Egípcio, a cidade-estado é mencionada como uma das bases marítimas utilizadas pelos faraós nas suas expedições asiáticas. Sidon é devastada pela invasão dos Povos do Mar. A decadência do Egípto e a queda do Império Hitita contribuíram para que a cidade-estado atingisse um elevado grau de progresso recolhendo os remanescentes da força política e económica cretense e micénica. Chipre, Rodes, Creta e as ilhas do Mar Egeu entraram na órbita do comércio de Sidon. Em 2.000 a.C. cai sob o domínio assírio construindo uma nova cidade que vai lutar contra os egípcios e persas, até cair, sem resistência, em poder dos gregos.

Tiro

A cidade foi fundada em 2.750 a.C., atingindo o apogeu do seu prestígio e progresso entre 1.000 e 500 a.C., sendo a cidade dominante dos Fenícios. O Antigo Testamento informa os grandes acontecimentos de Tiro e a referência aos reis Hirão I e Itobaal I.

Hirão I foi um grande construtor, colonizou Chipre e realizou grandes iniciativas comerciais através do Mediterrâneo e do mar Vermelho, tendo Tiro sido convertido na mais importante metrópole fenícia. Ithobaal I foi contemporâneo do cisma que dividiu politicamente os hebreus nos reinos de Judá e de Israel. Acab, rei de Israel desposou Jesabel, filha de Ithobaal I. Tal casamento permitiu a introdução de divindades fenícias em Israel, proporcionando à realização do culto idólatra. À morte de Ithobaal I seguiu-se um período de graves crises dinásticas.

5. EXPANSÃO MARÍTIMA DOS FENÍCIOS

As superpovoadas cidades-estado fenícias, juntamente com o défice agrícola do território estimularam a emigração, iniciada no século IX a.C. Os fenícios com os seus conhecimentos sobre os astros e os progressos na construção de navios e das técnicas de navegação, iniciaram a expansão marítima no Mediterrâneo e fundaram muitas colónias e na procura das matérias-primas e riquezas de que a Fenícia carecia. Todos estes locais foram utilizados para reabastecer de água e alimentos, para se abrigarem das tempestades, para consertar eventuais danos nos barcos e embarcar ou desembarcar mercadorias.

No Mediterrâneo numerosas cidades constituíram-se em colónias ou feitorias fenícias, situadas em Cartago, nas Ilhas de Chipre, Creta, Rodes, Sicília e Malta, na África do Norte e na Península Ibérica.

As colónias fenícias situadas nas ilhas de Chipre e de Creta serão referidas na Fenícia e as restantes, em Cartago, ligada à história da Fenícia, pela sua importância, riqueza do seu comércio, a sua numerosa população, o poderio da sua esquadra, tornando-se a maior colónia do Mediterrâneo Ocidental.

Chipre

A ilha de Chipre foi o primeiro local a ser colonizado pelo rei Hirão I de Tiro, tendo a ilha proporcionado os indícios da sua presença durante a Idade do Bronze. Chipre situado a uma curta distância da costa fenícia tinha cobre em grandes quantidades, sendo sempre a primeira etapa das rotas marítimas dos fenícios, povo de viajantes e comerciantes. A mais importante colónia situava-se em Kiton.

Creta

A Ilha de Creta sofreu forte influência fenícia, não apenas comercialmente, pois eram donos da navegação egeia, mas também culturalmente, pois adoptaram nesta época o alfabeto fenício e a escultura em bronze da época arcaica dependente da importação do bronze. As mais importantes colónias situaram-se em Knossos e Kamarès.

6. ANATOMIA ARTÍSTICA NA FENÍCIA

O que caracteriza a arte dos fenícios é, em geral, a falta de originalidade. Os fenícios estiveram em contacto com diversos povos, confundindo a sua capacidade artística com a arte egípcia, mesopotâmica, hitita, persa, grega, romana, entre outras.

A Fenícia situada no centro da primeira civilização humana, entre os prósperos vales do rio Nilo e dos rios Tigre e Eufrates, no cruzamento de todas as rotas que ligavam o oriente ao ocidente, tornou-se o centro das relações galvanizadoras das civilizações pré-clássicas.

Os fenícios, grandes empreendedores de trocas e criadores de recursos, souberam assimilar a arte estrangeira e sintetizá-la para realizar a sua arte.

6.1. Pré-Fenícios

A configuração e a situação geográfica da Fenícia do Oriente-Próximo determinaram a sua história e arte. O homem habitou esta região, muito arborizada e quase intransponível desde a pré-história, no paleolítico, a 50.000 a.C., habitando grutas em cujas paredes apareceram as primeiras manifestações pintalgadas a cores.

O fragmento de estatueta, em terracota, de 5.000 a.C., proveniente de Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa uma divindade do neolítico, com os olhos em protusão, quase verticais e os membros superiores cruzados no abdómen.

O animal com o vaso, em marfim, de 4.000 a.C., proveniente de Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa um quadrúpede precedendo um vaso.

6.2. Fenícia em 3.000 a.C.

No terceiro milénio a.C. os Fenícios estavam estabilizados no seu território. As relações com a Mesopotâmia fomentaram a realização de vasos e pequenas estatuetas com características semelhantes.

O vaso, em terracota, de 3.000 a.C., proveniente de Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa um vaso zoomórfico de um touro com uma cabeça pequena e corpo pesado.

Vaso, em terracota, de 3.000 a.C., proveniente do templo de Baalat Gubal, em Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa duas estatuetas humanas segurando o vaso.

A cabeça de touro, em terracota, de 3.000 a.C., proveniente do templo de Baalat Gubal, em Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa a cabeça de um touro vigoroso com olhos e focinho bem marcados.

Os lavradores com bois, em terracota, de 2.000 a.C., proveniente de Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa dois lavradores em pé e a cabeça coberta com toucas cónicas, estando ladeados por dois bois em posição defensiva.

6.3. Biblos e seus tesouros

O Império Novo do Egito estabeleceu novamente relações com os países do Oriente, entre os quais a cidade-estado de Biblos. Entre 1.900 e 1.800 a.C., os faraós encheram os templos com ricas ofertas, mas também os reis de Biblos, com objectos decorativos que foram encontrados nos túmulos de Abi Shemou e Ip Shemou Abi e outros reis fenícios. Foi durante este período que a arte fenícia se inspirou na arte egípcia.

6.3.1. Escultura

Estela de Biblos, em pedra, século IV a.C., proveniente de Biblos, encontra-se no Museu do Louvre de Paris, representa a deusa Isis-Hathor sentada recebendo a homenagem do rei Yehawmilk.

Estatueta com cabeça de fenício, em terracota, século XVIII a.C., proveniente de Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa uma cabeça com touca cónica mantida em posição por um francalete situado na região lateral do pescoço, com mímica de grande concentração.

Estatueta de fenício com cabeça egípcia, em terracota, séculos XIX-XVIII a.C., proveniente de Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa uma figura feminina dormitando tranquilamente, o cabelo curto e entrançado e o braço esquerdo cruzado sobre o tórax.

Estatueta de divindade, em bronze, século VIII a.C., proveniente de Khaldé, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa uma divindade com a mão direita parecendo abençoar, cabeça rapada, com uma vestimenta justo ao corpo.

Estatueta de deusa da fecundidade, em terracota, século XVIII a.C., proveniente de Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa uma figura feminina nua, um pouco obesa, com a mão esquerda apoiando a mama e o monte de púbis marcado por um triângulo pontilhado.

Estatueta de deusa da fecundidade, em bronze, século XVIII a.C., proveniente de Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa a deusa Istar mesopotâmica, nua, muito magra, com as mãos apoiando as mamas e o monte do púbis pontilhado.

Estatueta de fenício barbudo, em bronze, séculos XIX-XVIII a.C., proveniente de Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa uma figura masculina com touca cónica, corpo adelgado, espáduas horizontalizadas, membros superiores estendidos ao longo do corpo e mãos em supinação.

Estatueta de deusa mãe, em bronze, século IV a.C., proveniente de Tiro, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa uma figura feminina amamentando o filho.

Estatueta de grotesco, em massa de vidro cozida, séculos XIX-XVIII a.C., proveniente do templo dos obeliscos em Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa uma figura disforme.

Estatueta do deus Bès, em calcário, séculos XIX-XVIII a.C., proveniente do templo dos obeliscos em Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa o deus Bès com cabeça de leão, com os músculos dos membros superiores muito desenvolvidos.

Deus Rashap, em bronze recoberto a folha de ouro, séculos XIX-XVIII a.C., proveniente de Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa uma estatueta com a touca cónica, o membro superior direito ao longo do corpo e o esquerdo flectido no cotovelo, os supercílios com concavidade inferior, a fenda da boca disposta horizontalmente, com mímica de reflexão.

Grupo de estatuetas, em bronze recobertas a folha de ouro, séculos XIX-XVIII a.C., proveniente de Biblos, encontram-se no Museu Nacional de Beirute, representam numerosas estatuetas, com toucas cónicas, ainda utilizadas em certas regiões das montanhas libanesas. Estas dezenas de estatuetas semelhantes, apresentam os militares em oração num templo, antes do embarque para uma campanha militar.

6.3.2. Vasos

Vaso, em ouro, século XIX a.C., proveniente de Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, apresenta uma forma bojuda com gargalo.

Vaso, em ouro, século XIX a.C., proveniente de Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, apresenta a forma de caldeira com duas asas.

6.3.3. Objectos decorativos

Peitoral, em ouro, século XVIII a.C., proveniente de Biblos, encontra-se no Museu do Louvre de Paris, representa o peitoral do rei Abi Shemou, decorado com um falcão e palmeiras.

Peitoral, em ouro, esmalte e pedras preciosas, XVIII a.C., proveniente de Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa o peitoral do rei Ip Shemou Abi., com duas figuras sentadas de cada lado de uma mesa onde está um animal alado.

Medalhão, em ouro, século XIX a.C., proveniente de Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, apresenta a forma de uma rosácea.

Medalhão, em ouro, esmalte e pedras preciosas, século XVIII a.C., proveniente de Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa o medalhão do rei Ip Shemou Abi, incluído numa moldura, com um escaravelho como motivo principal.

Anel, em ouro e lápis-lazúli, século XIX., proveniente de Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa um sinete com decorações geométricas.

Faca, em ouro e prata, século XVIII a.C., proveniente de Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa uma faca com decoração geométrica pertencente ao rei Ip Shemou Abi.

Punho de punhal, em ouro e marfim, séculos XIX-XVIII a.C., proveniente do templo dos obeliscos em Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa o punho de um punhal com três cervídeos, em que dois encostam carinhosamente os focinhos e o terceiro situado superiormente encontra-se a pastar.

Machado, em filigrana de ouro, séculos XIX-XVIII a.C., proveniente de Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute e representa o pormenor de um cabo de machado fenestrado, mostrando a cena de uma oferenda a uma divindade.

Machado, em filigrana de ouro, séculos XIX-XVIII a.C., proveniente do templo dos obeliscos de Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa desenhos geométricos no cabo do machado.

Machado, em filigrana de ouro, séculos XIX-XVIII a.C., proveniente de Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa Gilgamesh e Enkidu.

Roda, em ouro e cornalina ao centro, séculos XIX-XVIII a.C., proveniente do templo de obeliscos em Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa uma roda decorada com quatro palmeiras dispostas radialmente, motivo e disposição frequentemente encontrada na Fenícia.

6.4. Os Fenícios entre o domínio dos Hicsos e os Povos do Mar

Entre 1.800 e 1.600 a.C. a Fenícia encontrou os traços específicos da sua arte, tendo a chegada dos hicsos terminado com a influência artística do Egípto.

6.4.1. Escultura

Estela do deus Baal, em calcário, séculos XIX-XVIII a.C., proveniente de Ugarit, encontra-se no Museu do Louvre de Paris, representa o deus armado com uma clava e uma lança, a cabeça com touca cônica, dois cornos e lateralmente uma trança terminando em espiral.

Estela do acordo, em calcário, século XIV a.C., proveniente de Ugarit, encontra-se no Museu Arqueológico Nacional de Alepo, representa duas personagens com vestes orientais, de cada lado de uma mesa de pé de galo, com duas flores de lótus na parte superior da cena, parecendo estabelecer um acordo.

Ornamento de leito, em marfim, século XIV a.C., proveniente de Ugarit, encontra-se no Museu Nacional de Damasco, representa o rei com barba, munido com um punhal, enquanto a mão esquerda se apoia na cabeça do inimigo, que ajoelhado implora perdão.

Ornamento de leito, em marfim, século XIV a.C., proveniente de Ugarit, encontra-se no Museu Nacional de Damasco, representa o rei e a rainha carinhosamente abraçados.

Placa da luta de animais, em marfim, século XIII a.C., proveniente do túmulo do rei Ahiram em Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa um touro muito musculado atacado por um leão e um grifo (animal mitológico proveniente de uma águia e leão).

Tampa de um vaso píxide, em marfim, século XIV a.C., proveniente de Ugarit, encontra-se no Museu do Louvre de Paris, representa uma mulher entre dois cabritos monteses, com um nariz tipo grego, em que o dorso do nariz se continua directamente com a fronte, os cotovelos flectidos e as mãos segurando plantas.

Sarcófago do rei Ahirôm, em calcário, século XIII a.C., proveniente de Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa o sarcófago assente em quatro leões e, em que os quatro lados apresentam um friso com flores de lótus e por baixo estão esculpidas cenas com numerosas personagens, apresentando no lado pequeno quatro carpideiras em que duas rasgam as vestes e as outras duas arrancam os cabelos em desespero; e no lado maior do sarcófago encontra-se o rei a receber uma procissão de portadores de oferendas.

Sarcófago do rei Ahirôm, em calcário, século XIII, o lado maior do sarcófago está esculpido o rei com uma mesa de oferendas, a receber uma procissão de portadores de oferendas, sendo a fila encabeçada pelo filho do rei, o seu primeiro servidor, com uma toalha na mão esquerda e um enxota-moscas na mão direita.

Estatueta de duas personagens, em massa de vidro cozida, séculos XX-XIX a.C., proveniente de Ugarit, encontra-se no Museu do Louvre de Paris, representa dois indivíduos com cabeças redondas e barba, em pé sobre um carro votivo, denunciando uma influência mesopotâmica.

Estatueta de divindade, em bronze, século XX a.C., proveniente de Bekaa, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa uma personagem com acentuada rudeza, característica dos habitantes dos planaltos, onde o clima é muito agreste.

Estatueta de divindade, em prata e ouro, séculos XX-XIX a.C., proveniente de Ugarit, encontra-se no Museu do Louvre de Paris, representa o deus com nariz pontiagudo, característico dos povos da região.

Estatueta de divindade, em bronze, século XX a.C., proveniente de Bekaa, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa um deus com traços suaves lembrando o faraó Tutmóses III, apresentando a touca cónica, membro superior direito com abdução do ombro e flexão do cotovelo, membro superior esquerdo com o cotovelo em flexão, com mímica de muita tranquilidade.

Estatueta de divindade, em marfim, séculos XIII-XIV a.C., proveniente de Bekaa, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa uma deusa tipo egípcia, sentada, com os supercílios arqueados, os olhos em relevo, o sorriso natural e as mãos assentes nos joelhos.

Cabeça feminina, em massa de vidro cozido, século XIV a.C., proveniente de Ugarit, encontra-se no Museu do Louvre de Paris, representa um vaso com a forma de uma cabeça feminina, a touca semicónica, a frente apresenta uma madeixa de cabelo ondulado do tipo micénico e mímica com riso malicioso.

Cabeça feminina, em marfim, século XIV a.C., provenientes de Ugarit, encontra-se no Museu do Nacional de Damasco, representa uma cabeça com grande penteado e mímica de atenção com concentração e riso natural.

6.4.2. Objectos decorativos

Ornamento, em ouro, séculos XV-XIV a.C., proveniente de Ugarit, encontra-se no Museu do Louvre de Paris, representa uma cena de caça real, com quatro cavalos na rosácea central, e rodeada com cavalos a galope puxando um carro conduzido pelo rei disparando o seu arco contra uma gazela, enquanto dois touros fogem e um terceiro ataca o carro.

6.5. Fenícia durante a expansão no Mediterrâneo

A destruição dos grandes Impérios do Oriente Próximo facilitou a expansão dos fenícios no Mar Mediterrâneo. Em 814 a.C. os fenícios fundaram Cartago. Nos séculos VIII e VII a.C. os fenícios fundaram colónias na Sicília, Malta, Sardenha e Península Ibérica.

6.5.1. Escultura

Estela de promessa solene, em esteatite, século X a.C., proveniente de Biblos, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa dois reis de cada lado de uma pequena mesa e de uma palmeira, a realizarem uma promessa solene; a cabeça de um dos soberanos tem características egípcias e a do outro rei apresenta vestes abertas permitindo expor os membros inferiores.

Ornamento de leito real, em marfim, século IX a.C., proveniente de Arslan-Tash, encontra-se no Museu do Louvre de Paris, representa o rei de Damasco Hazaël, com barba e cabelo comprido, está de pé, com as mãos juntas sobre o tórax.

Ornamento de leito real, em marfim, século IX a.C., proveniente de Arslan-Tash, encontra-se no Museu Arqueológico Nacional de Alepo, representa duas esfinges aladas com cabeças de carneiros, e os corpos e membros de leão, preparando o início da luta.

Ornamento de leito real, em marfim, século IX a.C., proveniente de Arslan-Tash, encontra-se no Museu Arqueológico Nacional de Alepo, representa uma esfinge sentada com um sorriso tranquilo, a asa estendida e o corpo de cabra evidenciando os membros anteriores.

Ornamento de leito real, em marfim, século IX a.C., proveniente de Arslan-Tash, encontra-se no Museu do Louvre de Paris, representa o nascimento de Horus, protegido por duas deusas com características egípcias.

Mascara funerária, em terracota, século VIII a.C., proveniente do templo de Khaldé, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa a *facialis*, circular com olhos redondos, as orelhas afastadas e os lóbulos horizontalizados.

Divindade sentada, em terracota, século VII a.C., proveniente de Tiro, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa uma personagem no seu nicho, com touca cônica, face disforme e pescoço protegido por uma fita fixando um disco envolvido por um crescente.

Estátua do tipo egípcio, em calcário, século VIII a.C., proveniente de Tiro, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa um tronco masculino com numerosos colares e uma tanga segura por um cinto e a mão esquerda num movimento de prensão perfeito, segurando um objecto cilíndrico.

Estatua, em mármore, século V a.C., proveniente de Chipre, encontra-se no Museu do Louvre de Paris, representa uma cabeça barbuda coberta com um turbante, com barba pontiaguda e bigode, lábios carnosos, olhos abertos, pálpebras espessas, com mímica esboçando um riso falso.

Estátua do tipo cipriota, em calcário, século VI a.C., proveniente do templo de Eshmun em Sidon, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa um busto recordando os kouros gregos, com a peruca ornada de linhas sinuosas, o nariz pontiagudo tipo grego, os olhos em amêndoa, com mímica de um riso malicioso.

6.5.2. Vasos

Vaso, em terracota, século XI a.C., proveniente de Qurayeh, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa um elegante vaso em forma de cálice, com decoração policromática, dividido em bandas verticais paralelas e também aves com o corpo coberto de motivos geométricos dispostos em vários sentidos.

Vaso, em terracota, século IX a.C., proveniente de Khaldé, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa um vaso com duas pegas, apresentando um pato esboçando um largo movimento ondulado, com o corpo decorado de linhas geométricas variadas.

Vaso, em terracota, século VIII a.C., proveniente de Tiro, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa um vaso em forma de barril com abertura cônica e uma pega, estando decorado com linhas concêntricas de diversas espessuras, intercaladas por bandas com círculos de diversos tamanhos.

6.5.3. Objectos decorativos

Colar com medalhão, em filigrana de ouro, séculos V-IV a.C., proveniente de Sidon, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa um colar com medalhão apresentando a cabeça de Gorgone, de rosto hediondo fazendo caretas, língua pendente entre os dentes incisivos e na frente os cabelos dispostos em madeixas.

Colar, em filigrana de ouro e ágatas, séculos V-IV a.C., proveniente de Sidon, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa o colar com duas ágatas rodeadas por uma cercadura em filigrana.

Colar, em ouro, esmalte, cornalinas, turquesas e ágatas, séculos V-IV a.C., proveniente de Sidon, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa o colar com uma coroa centralizado por uma rosácea.

6.6. Sidon e os sarcófagos antropomorfos

Sidon foi fundada em 3.000 a.C., sendo destruído pelos hicsos. Sob o Império Novo do Egipto tornou-se numa das bases marítimas mais utilizadas pelos faraós. Após a decadência do Egipto e a queda do Império Hitita, a cidade atingiu um grande progresso. As escavações realizadas descobriram grande quantidade de sarcófagos antropomorfos, realçando-se os encontrados na necrópole de Magharat Tabloun.

6.6.1. Escultura

Sarcófago de Eshmunazar, rei de Sidon, em pedra negra, do século VI a.C., proveniente de Sidon, encontra-se no Museu do Louvre de Paris, representa um sarcófago antropomorfo com caracteres hieroglíficos e características egípcias, com lábios negróides, com mímica de sono tranquilo.

Sarcófago antropomorfo, em mármore, século IV a.C., proveniente da necrópole de Magharat Tabloun, em Sidon, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa o defunto em relevo com o corpo inteiramente reproduzido, a *facialis* com muita expressão, o membro superior direito flectido sobre o tórax, o membro superior esquerdo estendido ao longo do corpo e os pés em evidência.

Sarcófago antropomorfo, em mármore, século V a.C., proveniente da necrópole de Magharat Tabloun, em Sidon, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa o busto do defunto com as abas do vestuário, com mímica tranquila parecendo designada.

Sarcófago antropomorfo, em mármore branco, séculos IV-III a.C., proveniente da necrópole de Magharat Tabloun, em Sidon, encontra-se no Museu do Louvre de Paris, representa o busto do defunto com penteado levantado e com duas tranças ondulantes caindo sobre os ombros, a *facialis* apresentando arcadas superciliares proeminentes, olhos alongados, pálpebras bem marcadas, nariz longo, boca com lábios carnudos ligeiramente entreabertos, com mímica de dureza.

Sarcófago antropomorfo, em mármore branco, séculos IV-III a.C., proveniente da necrópole de Magharat Tabloun, em Sidon, encontra-se no Museu do Louvre de Paris, representa o busto de uma mulher jovem, o penteado com risco mediano, constituído por longas mechas onduladas, escondendo as orelhas, nariz recto e fino, olhos em amêndoa, boca ligeiramente entreaberta com lábios carnudos, com mímica de atenção e admiração.

Sarcófago antropomorfo, em mármore, século IV a.C., proveniente da necrópole de Magharat Tabloun, em Sidon, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa uma cabeça do tipo grego, com o cabelo aparentando um rico bordado, com mímica de reflexão e inquietação.

Sarcófago antropomorfo, em mármore branco, séculos IV-III a.C., proveniente da necrópole de Magharat Tabloun, em Sidon, encontra-se no Museu do Louvre de Paris, representa o defunto em relevo, o busto de uma mulher com uma frente muito larga e pescoço espesso, cabelo frondoso com longas madeixas onduladas, escondendo as orelhas, nariz recto e fino, olhos em amêndoa, pálpebras espessas, arcadas superciliares pronunciadas, boca entreaberta, lábios carnudos, mento arredondado, com mímica de reflexão e inquietação.

Sarcófago antropomorfo, em mármore branco, séculos IV-III a.C., proveniente da necrópole de Magharat Tabloun, em Sidon, encontra-se no Museu do Louvre de Paris, representa o defunto com rosto masculino desproporcionado em relação ao corpo, com coifa transparente, fronte baixa, arcadas superciliares pronunciadas, olhos encovados, rima palpebral deixando ver a íris e pupilas, nariz tipo grego, lábios carnudos, orelhas descoladas e desmesuradas em relação à *facialis*, mento espesso, com mímica de atenção e luta íntima.

Sarcófago antropomorfo, em mármore branco, século V a.C., proveniente da necrópole de Magharat Tabloun, em Sidon, encontra-se no Museu do Louvre de Paris, representa o defunto com rosto masculino, em que a barba constituída por três filas de madechas, bigode lateralmente pendente, nariz tipo grego, olhos em amêndoa, boca entreaberta com lábios carnudos, com mímica de reflexão e inquietação.

Sarcófago antropomorfo, em mármore branco, século IV a.C., proveniente da necrópole de Magharat Tabloun, em Sidon, encontra-se no Museu do Louvre de Paris, representa o defunto com rosto masculino, o mento repousando sobre a porção superior arredondada da tampa do sarcófago, os cabelos ondulados cobrindo as regiões laterais do pescoço, nariz tipo grego, olhos em amêndoa assimétricos, pálpebras superiores proeminentes e quase coladas às arcadas superciliares, lábios carnudos entreabertos, com mímica de reflexão e pensamentos específicos.

Sarcófago antropomorfo, em mármore branco, séculos IV-III a.C., proveniente da necrópole de Magharat Tabloun, em Sidon, encontra-se no Museu do Louvre de Paris, representa o defunto com rosto masculino alongado, o mento repousando sobre a porção superior arredondada da tampa do sarcófago, os cabelos constituídos por mechas deixando visíveis os lóbulos das orelhas, nariz tipo grego, olhos em amêndoa assimétricos, pálpebras superiores proeminentes, lábios carnudos, com mímica de tranquilidade esboçando um discreto sorriso.

Sarcófago antropomorfo, em mármore branco, século IV a.C., proveniente da necrópole de Magharat Tabloun, em Sidon, encontra-se no Museu do Louvre de Paris, representa o defunto com o corpo evidenciado por uma massa volumosa em relevo, em relação à cabeça com rosto masculino alongado, os cabelos constituídos por mechas frontais, onduladas e franzidas a partir de uma risca central, deixando visíveis os lóbulos das orelhas, nariz tipo grego, olhos em amêndoa alongados, com mímica de reflexão e pensamentos sombrios.

6.7. Fenícia helenizada

A arte grega penetrou na Fenícia antes do país fazer parte da Grécia, após a conquista de Alexandre Magno.

6.7.1. Escultura

Sarcófago das carpideiras, em mármore, séculos IV-III a.C., proveniente de Sidon, encontra-se no Museu Arqueológico de Istambul, representa um sarcófago muito helenizado, com dezoito carpideiras separadas por colunas jônicas, em diversas atitudes, mas todas com mímicas de tristeza aparentando um grande desgosto.

O *sarcófago das carpideiras*, apresenta uma carpideira, com os supercílios repuxados ínfero-lateralmente, a rima palpebral rectangular, os olhos olhando inferiormente, o sulco naso-mentual bem marcado, o

cabelo com madeixas onduladas cobrindo parcialmente a orelha e a mão esquerda segurando a cabeça levemente inclinada, com mímica de sofrimento, dor e muito pensativa.

O *Sarcófago de Alexandre Magno ou do rei Abdalonymus*, em mármore, século III a.C., proveniente de Sidon, encontra-se no Museu Arqueológico de Istambul, representa a batalha entre gregos e persas.

O *sarcófago de Alexandre Magno ou do rei Abdalonymus*, representa uma cena de caça, onde os gregos parecem confraternizar com os inimigos após a conquista dos gregos.

O *sarcófago do sátrapa*, em mármore, século IV a.C., proveniente de Sidon, encontra-se no Museu Arqueológico de Istambul, representa a arte fenícia durante a época aquemênida, com um sátrapa, ou seja o governador de uma satrapia (província) da Pérsia Antiga, sentado num trono com barba e touca cônica, segurando um bastão, e na sua frente uma personagem de costas preparando-se para conduzir quatro cavalos.

Estela de Amrit, em calcário, século V a.C., proveniente de Amrit, encontra-se no Museu do Louvre de Paris, representa um terreno montanhoso, com o deus Baal em pé sobre um animal, à maneira hitita, segurando um animal na mão esquerda, e a coroa com *uroeus* à maneira egípcia.

Estela de Baalshamar, em pedra, século II a.C., proveniente de Oum el Amad, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa um disco alado, situado superiormente a uma personagem com barba, vestindo uma túnica plissada e com touca, parecendo preparar-se para entregar a oferenda transportada na mão esquerda.

Estela de Baalyaton, em calcário, séculos III-II a.C., proveniente de Oum el Amad, encontra-se no Museu de Copenhaga, Ny Carlsberg Glyptotek, representa Baalyton, com um gorro, uma toga ampla e plissada e mangas apertadas nos punhos, levanta a mão direita em sinal de adoração, sustentando na mão esquerda um queimador de incenso.

Estatueta, em pedra, séculos IV a III a.C., proveniente de Oum el Amad, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa um adolescente com vestes amplas e plissadas, com um queimador de incenso nas mãos.

Estatueta, em terracota, século IV a.C., proveniente de Kharayeb, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa um fragmento de personagem com pêra isto é com a barba na porção inferior do mento, vestido como os persas, a touca coberta com um véu, as vestes amplas e a mão direita acariciando a pêra.

Estatueta, em terracota, século IV a.C., proveniente de Kharayeb, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa uma personagem do tipo oriental com o cabelo continuando-se com a barba, cobrindo a quase totalidade da face.

Estatueta, em terracota, século IV a.C., proveniente de Kharayeb, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa o deus Bês asfixiando serpentes com as mãos, tendo a musculatura dos membros muito desenvolvida.

Estatueta, em terracota, séculos III-II a.C., proveniente de Kharayeb, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa Papposilène conduzindo Dionísio, apresentando Papposilène, disforme, com grande desenvolvimento muscular, barba espessa e cabelo abundante cortado ao nível das espáduas, com mímica de dureza agressiva.

Figurinha bailando, em terracota, século III-II a.C., proveniente de Kharayeb, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa uma bailarina rodopiando com muita leveza.

Estatueta do beijo, em terracota, séculos III a II a.C., proveniente de kharayeb, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa Déméter e Core beijando-se como símbolo da paixão, acentuada com a doçura velada e sensual dos corpos.

Estátua de criança, em mármore, séculos IV a.C., proveniente do templo de Eshmun em Sidon, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa uma criança sobre um pedestal com texto fenício, oferecido ao deus Eshmun como testemunho de gratidão em ex-voto, apresentando a cabeça, o tronco e os membros superiores uma perfeita anatomia de superfície.

6.7.2. Vasos

Vaso, em vidro opaco, séculos VII-VI a.C., encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa um vaso com uma grande pega, decorado com duas bandas com linhas concêntricas, ladeando uma banda com linhas quebradas.

Vaso, em vidro opaco, século I a.C., encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa uma ânfora com decoração vegetal.

Vaso, em vidro opaco, século I a.C., encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa um vaso bojudo com duas pequenas pegas, decorado com uma banda com linhas quebradas ladeadas por linhas concêntricas.

Vaso, em vidro opaco, século II a.C., proveniente de Um mel Amed, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa um vaso com cabeça masculina, barba espessa e duas pegas estando a superior situada no local da orelha.

6.8. Fenícia romanizada

A Fenícia Helénica fez parte do Império Romano depois da campanha de Pompeu, em 64 a.C. A Fenícia adoptou a romanização, desde as crenças às vestimentas. As ruas tornaram-se rectilíneas e alguns pórticos tornaram-se até mais sumptuosos que os de Roma.

6.8.1. Escultura

Baixo-relevo de um tanque, século II, encontra-se no templo de Júpiter em Baalbek, representa Vénus sentada, recebendo uma concha dada por Eros.

Escultura, em calcário, século III, proveniente de Baalbek, encontra-se no Museu Nacional de Beirute, representa a cabeça do deus Pan, a rima palpebral muito aberta deixando observar a esclero, a rima da boca rectangular e o sulco mental bem marcado, com mímica de dureza agressiva.

6.8.2. Mosaicos

Mosaicos, século III, proveniente de Baalbek, encontram-se no Museu Nacional de Beirute, representam Calliope rodeada por sábios, com os rostos emaciados e barbas bem tratadas.

Mosaicos, século VI, provenientes de Jenah, encontram-se no Museu Nacional de Beirute, representam diversos animais, a cabra dormitando, o touro comendo as folhas de uma árvore, a gazela pastando, o felino ameaçando e o urso visto de dorso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arqueologia (1988), volume 3, Os senhores do Mediterrâneo, pgs. 176-196. Barcelona: Planeta-Agostini.
- Blázquez, José Maria, Alvar, Jaime & Wagner, Carlos G. (1999), *Fenícios y Cartagineses en el Mediterráneo*. Madrid: Ediciones Cátedra.
- Blázquez, José Maria, Martínez-Pinna, Jorge, Presedo, Francisco, Melero, Raquel López & Alvar, Jaime (1992), *Historia de Oriente Antigo*. Madrid: Ediciones Cátedra, S.A.
- Briquel-Chatonnet, Françoise & Gubel, Éric (1998), *Les Phéniciens aux origines du Liban*, Découvertes Gallimard Histoire. *Dictionnaire de la Civilisation Phénicienne et Punique* (1992). Brepols.
- Frankfort, Henry (1988), *The Art and Architecture of the Ancient Orient*, Penguin Books.
- Giordani, Mário Curtis (1987), *História da Antiguidade Oriental* (8.ª edição). Petrópolis: Editora Vozes Limitada.
- Gubel, Éric (2002), *Art Phénicien. La sculpture de tradition phénicienne*. Paris: Éditions de la Réunion des Musées Nationaux. Paris.
- Harden, Donald (1968), *História Mundi*, Os Fenícios. Lisboa: Editorial Verbo.
- História da Humanidade, *O Egipto e as Antigas Civilizações* (2007), A civilização do mar, 376-408. Lisboa: Círculo dos Leitores.
- Markoe, Glenn E. (2000), *Phoenicians*. Great Britain: British Museum Press.
- Martínez, Fernando Prados (2007), *Los fenícios*. Madrid: Marcial Pons, Ediciones de Historia, S.A.
- Moscato, Sabatino & DiStefano, Carmela Ângela (2006). *Palermo: Museo Archeologico*, Edizioni Novecento.
- Olaguer-Feliu, Fernando de (1994), *Historia del Arte del Próximo Oriente* (1994). Barcelona: Editorial Planeta, S.A.
- Padró, José (1987), *Los Fenícios* (1987), Gran Historia Universal. volume II, Antigos Impérios Orientales. Madrid: Najera
- Parrot, André, Chéhab, Maurice H. & Moscati, Sabatino (1975), *Les Phéniciens*. Paris: L'expansion phénicienne. Cartage, Éditions Gallimard.
- Parrot, André, Chéhab, Maurice H. & Moscati, Sabatino (2007), *Les Phéniciens*. Paris: Cartage, Éditions Gallimard.
- Peinado, Federico Lara (1990), *Así vivían los Fenícios*. Madrid: Grupo Anaya, S.A.
- Peinado, Federico Lara & Zoilo, Joaquín Córdoba (1989), *Historia del Arte, El Mediterráneo Oriental, El arte fenicio*, pg. 40-59. Historia 16.
- Pijoan, Jose (1981), *Summa Artis, Historia Geral da Arte*, volume II, Arte del Asia Occidental, Fenicia, pgs. 401-418. Madrid: Espasa-Calpe, S. A.
- Rawlinson, George (2007), *History of Phoenicia*: Bibliobazar.
- Wagner, Carlos G. (1989), *Los Fenícios*. Madrid: Ediciones Akal, S.A.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE CIÊNCIAS
NA SESSÃO DE 21 DE FEVEREIRO DE 2013)